

Pelo prisma biográfico: Joseph Frank e Dostoiévski

GIULIANA TEIXEIRA DE ALMEIDA¹

Muitas biografias foram escritas sobre Fiódor Dostoiévski, nome central da literatura russa do século XIX. Dentre os títulos consagrados a vida do escritor russo destaca-se *Dostoiévski* de Joseph Frank, um grande esforço de investigação elaborado ao longo de quase três décadas. Essa conferência visa analisar os méritos e problemas da biografia de autoria de Joseph, assim como investigar as questões teóricas e metodológicas concernentes ao gênero biográfico.

O célebre escritor russo Fiódor Dostoiévski, autor de romances fundamentais da literatura moderna como *Crime e Castigo* (1866) e *Irmãos Karamázov* (1879) é objeto de incontáveis estudos levados a cabo por pesquisadores do mundo todo. Mas não é apenas a obra do escritor que desperta o interesse dos seus pesquisadores e leitores – também a conturbada vida de Dostoiévski atrai muitas atenções. Isso porque, uma trajetória marcada por eventos trágicos como o brutal assassinato do pai, enfermidades como a epilepsia, episódios macabros como a condenação à pena de morte comutada para a prestação de trabalhos forçados na Sibéria, dificuldades afetivas, financeiras, etc., fornece, sem sombra de dúvida, um vasto material para qualquer biógrafo atento. E as inúmeras biografias sobre Dostoiévski escritas em diversos idiomas evidenciam o quanto o escritor tornou-se uma figura “hiper-biografável”.

Dentre as obras acerca da vida do escritor russo destaca-se o trabalho de peso realizado pelo professor norte-americano Joseph Frank intitulado *Dostoiévski*, e publicado na íntegra em português pela editora Edusp. Fruto de anos de pesquisa e elaboração, a obra pretende oferecer uma nova interpretação crítica da produção literária do autor russo além de uma síntese do contexto histórico-cultural no qual esta produção

¹ Bacharel e Licenciada em História pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, mestranda em Letras (Literatura e Cultura Russa) pela Universidade de São Paulo. Orientador: Bruno Gomide. Agência financiadora: FAPESP.

se insere. Trata-se, portanto, de um empreendimento ambicioso, inovador e essencial para o campo dos estudos eslavos e notadamente para a eslavística brasileira por se tratar de uma obra traduzida na íntegra para o português - a escassez de títulos da bibliografia estrangeira sobre os temas russos traduzidos para o português é um problema que afeta o desenvolvimento da pesquisa e do ensino na área de cultura e literatura russa no Brasil.

É importante ressaltar que na última década o mercado editorial brasileiro investiu maciçamente na edição de autores clássicos da literatura russa em tradução direta para o português. Grandes ficcionistas do século XIX, ou mesmo autores menos conhecidos do século XX em poucos anos saíram do fundo dos catálogos para a linha de frente dos lançamentos de importantes editoras.

Assim, a edição da volumosa biografia de Joseph Frank delineia-se como a ponta de lança desse processo de (re)descoberta dos autores russos no Brasil, mais especificamente de Dostoiévski, porém sob o ângulo teórico. Como já foi mencionado, essa “moda” de tradução de autores russos não abarcou as obras de referência internacionais sobre literatura, história e cultura russa, e por essa razão a pesquisa e o ensino nessa área ainda tropeçam na escassez bibliográfica estrangeira disponível. Por conseguinte, o esforço da Editora da Universidade de São Paulo em publicar uma obra da envergadura de *Dostoiévski* sugere que o interesse pelos temas russos no país ensaia um novo passo.

A monumental biografia de Joseph Frank oferece uma profusão de informações e idéias relevantes acerca de um escritor, sua obra e seu tempo, com os problemas que todas as grandes sínteses não podem se furtar de enfrentar, mas com os acertos que só um trabalho corajoso como este pode conseguir alcançar. Portanto, a análise crítica dessa biografia se configura como uma contribuição importante para o campo dos estudos de cultura e literatura russa.

Além disso, o estudo dessa obra abre espaço para reflexões acerca dos problemas teóricos e metodológicos implicados no gênero biográfico. O gênero biográfico tem ganhado cada dia mais espaço tanto nos meios acadêmicos quanto nos editoriais, além de encontrar ressonância no gosto do público leitor. É importante

salientar que apesar dessa crescente notoriedade, este é sem dúvida um dos gêneros de escrita menos discutidos e pensados. O silêncio que paira sobre o gênero pode ser explicado em virtude da situação de marginalidade que as biografias eruditas experimentaram por muito tempo no campo das ciências humanas.

Até a metade da década de 80 a biografia foi desprezada pelos eruditos e acadêmicos que a consideravam um gênero irrelevante para o avanço do trabalho científico. Alguns autores que historicizam o gênero concordam que nos últimos anos a situação vem se alterando e a biografia vem sendo reabilitada nos meios intelectuais. O historiador François Dosse estabelece uma data para o movimento de redescoberta das “virtudes de um gênero que a razão gostaria de ignorar”: o ano de 1985. Segundo o historiador, foi nesse ano que na França o *Livres-Hebdo*, o hebdomadário profissional das publicações “consagrou a única seção especializada até então existente às biografias, e a pesquisa publicada revelou a simpatia de todos os editores, inclusive os mais sérios pelo gênero biográfico. Só em 1985, duzentas novas biografias foram publicadas por cinquenta editoras, cujo otimismo parece eufórico nesse campo, enquanto nos outros é acentuadamente tímido” (DOSSE, 2009:16). Esse otimismo se manteve pelos anos subsequentes e após esse empurrão inicial dado pelos editores franceses, a taxa de lançamento de biografias cresceu 66% em quatro anos.

Na década de 1990 esse crescimento perdurou e na França o *Círculo de livrarias* contabilizou a publicação de 611 biografias no ano de 1996 e, de 1043 no ano de 1999. Mas esse fenômeno não é particular ao caso Frances, pois como assinala o historiador brasileiro Benito Bisso Schmidt “o retorno da biografia é um movimento internacional”² e perceptível também no Brasil. Segundo dados apresentados por Schmidt, o *Catálogo brasileiro de publicações* apontou no ano de 1994 um crescimento de 55% do gênero em relação ao ano de 1987. Assim, nas últimas décadas o mercado editorial brasileiro também se tornou simpático a esse gênero, protagonizando feitos editoriais como o lançamento da volumosa biografia sobre Dostoiévski escrita por Joseph Frank.

² Schmidt, Benito Bisso. “Construindo Biografias- Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos” *Revista Estudos Históricas*, Vol. 10, Nº19, 1997, disponível em <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2040/1179>

A publicação dos cinco volumes da obra *Dostoiévski* de Joseph Frank em português pela Edusp é, como afirmou Boris Schinaiderman em artigo escrito para o jornal *O Estado de São Paulo*, a materialização de “dois sonhos em latitudes diferentes: o do autor e o do seu grande divulgador brasileiro, João Alexandre Barbosa”(SCHNAIDERMAN, 2008: D9). De fato, as décadas dedicadas à escrita da biografia do grande escritor russo fazem de *Dostoiévski* a obra de uma vida. Composta por cinco extensos volumes, a biografia de Frank levou vinte e seis anos para ser concluída e assegurou ao crítico norte-americano um lugar no rol dos grandes especialistas na vida e na obra do célebre autor russo.

O primeiro volume dessa biografia tem como subtítulo *As Sementes da Revolta*, e compreende o período da vida de Dostoiévski que vai de 1821, ano do seu nascimento, até 1849. O segundo volume, intitulado *Os Anos de Provação* se debruça sobre o período de 1850 a 1859. Já o terceiro, *Os Efeitos da Libertação* compreende o intervalo entre 1860 e 1865. O quarto e penúltimo volume, *Os Anos Milagrosos* abarca os anos 1865 a 1871. O quinto e último volume, *O Manto do Profeta* destrincha os últimos momentos da vida do escritor, de 1871 a 1881, o ano da sua morte.

Como bem observou Schinaiderman no mesmo artigo mencionado linhas acima, “tamanho foi seu empenho pessoal que, no prefácio ao terceiro volume, [Joseph Frank] chega a chamar a sua obra de autobiografia, e não creio que se trate de um lapso de tradução” (SCHNAIDERMAN, 2008: D9). João Alexandre Barbosa também observa esse enlace que se estabelece entre biógrafo e biografado na conclusão do seu artigo *Dostoiévski sob o Manto do Profeta*. Após analisar o último volume da obra de Frank, Barbosa afirma que os pontos por ele explorados “são apenas alguns exemplos da riqueza com que o biógrafo, dublê de crítico (não será o contrário?), lê a obra de Dostoiévski – e a vida com a qual ela está maravilhosamente ligada. E com as quais, depois de cinco volumes e vinte e seis anos, estão também, de modo definitivo ligados, o nome e a vida de Joseph Frank” (BARBOSA, 2004: 104).

Neste mesmo artigo Barbosa acrescenta um parêntese no qual afirma que por sugestão sua foram adquiridos já nos anos 90 os direitos de publicação de toda a obra para a tradução e o lançamento no Brasil. Por conseguinte, entre os leitores brasileiros o

nome de João Alexandre Barbosa também permanecerá intrinsecamente relacionado ao descerramento desse projeto de fôlego.

O biógrafo Joseph Frank é professor emérito em literatura comparada e literaturas eslavas das universidades norte-americanas de Princeton e Stanford. Segundo João Alexandre Barbosa, é um crítico adepto do método *close reading* da nova crítica anglo-norte-americana da década de 30 e 40. É também teórico da literatura, autor quando jovem de um ensaio que se tornou um clássico dos estudos da narrativa: *Spatial Form in Modern Literature*, publicado no ano de 1945 na *Swanee Review*.

Assim, como nos lembra Barbosa, antes de biógrafo de Dostoiévski, Frank é um crítico da literatura e foi com o seu olhar de crítico que o autor se debruçou sobre a vida do escritor russo. Isso explica a opção pelo método de análise feita pelo autor, justificada nos prefácios dos volumes da biografia: um movimento que vai da obra para a vida, e não o contrário. É em função desse interesse circunscrito do autor pela obra de Dostoiévski que a biografia tem a produção literária do escritor russo como eixo. Os incidentes pessoais, os detalhes da intimidade que geralmente recheiam as biografias convencionais foram deslocados para o segundo plano, pois, nas suas palavras, “quando escrevo o que está por trás dos acontecimentos da vida particular de Dostoiévski, apenas me aprofundo nos aspectos dessa experiência cotidiana que parecem ter alguma importância decisiva- ou seja, naqueles que ajudam a compreender melhor os seus livros” (FRANK, 2008:16).

O foco na produção artística de Dostoiévski também levou Frank a se aventurar em uma cuidadosa exposição da vida sócio-cultural da época na qual viveu o escritor. Uma vez que, na concepção de Frank, os temas de Dostoiévski não podem ser dissociados das grandes questões do seu tempo, a justa interpretação da obra do artista pressupõe que ao invés de “dedicar espaço aos incidentes rotineiros da vida de Dostoiévski” o biógrafo detenha-se “na observação do ambiente sócio-cultural em que ele viveu”(FRANK, 2008: 17). No prefácio do último volume ele afirma que escreveu a partir da vida de Dostoiévski uma história cultural da Rússia do século XIX.

Através dessa linha argumentativa Frank procura demarcar as diferenças da sua obra com relação a todas as outras do gênero biográfico afirmando que o seu trabalho

“não é uma biografia” (FRANK, 2008: 16-17). A recusa em se identificar como um autor de biografias é uma atitude que se explica muito em função da época na qual essas palavras foram escritas. Até meados da década de 80, como já mencionado, a biografia foi desprezada pela academia, que a considerava um gênero irrelevante. O prefácio redigido por Frank data de fevereiro de 1976, portanto de um período no qual ainda prevalecia o desprezo dos eruditos e acadêmicos pelo gênero biográfico.

Já no prefácio do segundo volume, escrito em 1982, Frank começa a rever a sua posição acerca do “gênero” da sua obra. Ele pondera: “fiz uma distinção demasiado rígida quando afirmei no primeiro livro que ‘meu trabalho não (...) é uma biografia’. O que ele reitera é o fato da sua biografia não se tratar de uma “biografia convencional”, mas, como sugeriram alguns dos seus críticos, de “uma bem-vinda tentativa de estender os limites desse gênero”(FRANK, 2008: 15-16).

As biografias literárias “convencionais” estiveram por muito tempo no centro da história literária clássica que, segundo François Dosse, “teria transmitido o patrimônio literário essencialmente pelo ângulo do liame entre a vida e a obra do escritor. O mais das vezes, o sentido da obra é deduzido das peripécias da vida, e a biografia dos escritores está no próprio cerne da inteligibilidade literária” (DOSSE, 2009: 80). Assim, o sentido da obra estaria encerrado no seu autor. Alguns lugares comuns dessas biografias literárias clássicas são a inclinação dos biógrafos a retratarem a trajetória do escritor como se desde o nascimento este já estivesse predestinado para a sua função, ou ainda aquilo que foi denominado como “vidobra”- a crença em que o autor está em seus livros e não em sua vida.

A biografia literária enfrenta ainda o problema de como narrar a vida do escritor em questão, problema de fundo que é comum a todo o gênero biográfico. A ânsia de retratar somente a verdade se choca com a inclinação pela ficção que toda boa narrativa pressupõe. Dessa forma, a biografia literária, assim como qualquer outra obra biográfica se situa num sinuoso espaço entre a realidade histórica e a invenção. A biografia pode então ser definida como um gênero que abala a barreira que geralmente se ergue entre a literatura e a dimensão científica das ciências humanas.

É por particularidades como essa que em uma obra dedicada ao gênero intitulada *Aspects de la Biographie* o autor André Maurois aponta o problema: “La recherche de la vérité historique est un ouvrage de savant; La recherche de la expression d’une personnalité est plutôt un ouvrage d’artiste; peut-on faire les deux en même temps?” (MAUROIS, 1928: 40). Dentro dessa chave que problematiza a relação entre história e narrativa, Giovanni Levi afirma que a biografia sintetiza a maioria das questões metodológicas da historiografia contemporânea. Por exemplo, “A biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia” (LEVI, 2000: 168). Na reconstituição de uma trajetória, a inexistência de documentos concernentes a certos aspectos da vida como os pensamentos cotidianos, as conversas corriqueiras, etc, exigem do historiador certa dose de ousadia criativa e uma nova postura diante das técnicas argumentativas conhecidas.

Mas, segundo Levi, não é a falta de fontes o principal problema na hora de se escrever uma biografia. Na sua visão, “em muitos casos, as distorções mais gritantes se devem ao fato de que nós, como historiadores, imaginamos que os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado. Seguindo uma tradição biográfica estabelecida e a própria retórica de nossa disciplina, contentamo-nos com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas” (LEVI, 2000: 169). O autor recupera a formulação de Pierre Bourdieu para o problema: “ilusão biográfica” e a defesa deste da necessidade de se “reconstruir o contexto, a ‘superfície social’ em que age o indivíduo, numa pluralidade de campos, a cada instante”. (LEVI, 2000: 169). A vida é uma história? É o que diz o senso comum, que concebe a vida como um “caminho” com começo, meio e fim (este último é também entendido como finalidade). Isso, na visão de Bourdieu é “aceitar tacitamente a filosofia da história” (BOURDIEU, 2000: 183).

No seu célebre texto *A Ilusão Biográfica*, Bourdieu aponta que essa visão da vida como existência dotada de sentido começou a ser questionada concomitantemente ao abandono da estrutura do romance como relato linear. Assim, o advento da literatura moderna suplantou toda uma tradição literária que não se dissociava e ao mesmo tempo reforçava a idéia de que a vida devia ser narrada como uma história. Nas palavras de

Allain Robbe-Grillet citadas por Bourdieu, “o advento do romance moderno está ligado precisamente a essa descoberta: o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisível, fora de propósito, aleatório”(BOURDIEU, 2000: 185). Portanto, a criação de uma nova forma de expressão literária coloca em xeque a filosofia da existência amparada na antiga tradição romanesca, ao mesmo tempo em que escancara a arbitrariedade das suas bases de sustentação (a idéia de que a existência humana é provida de sentido).

É importante ressaltar que é na literatura no século XIX, mais especificamente na literatura russa e nas obras de Fiódor Dostoiévski, “que commence à reparaître l’idée d’une multiplicité vivante á l’intérieur d’une même ame” (MAUROIS, 1928: 37). Assim, em virtude dessa transformação que se evidencia na literatura e que se aprofunda no século XX, “ligada ao advento de novos paradigmas em todos os campos científicos: crise da concepção mecanicista na física, surgimento da psicanálise, novas tendências na literatura (basta citar os nomes de Proust, Joyce e Musil)” (LEVI, 2000: 172-173), o sentimento de complexidade da personalidade humana passa a dominar as concepções acerca do homem. As biografias começam a se ater a essa grande complexidade e os leitores se voltam para elas em busca de seres tão fragmentados e partidos quanto eles próprios, portanto seres reais. Nas palavras de Nicolson citadas por Maurois, “La biographie est une préoccupation, une consolation, non de la certitude, mais du doute” (MAUROIS, 1928: 39).

Como escreveu Levi lembrando as palavras de Arnaldo Momigliano, se por um lado a biografia parece simples ao se propor a recontar uma trajetória humana, que tem aparentemente limites definíveis, por outro lado ela coloca o historiador em uma cilada ao responsabilizá-lo pela enumeração dos incontáveis aspectos de uma vida. Ao assumir a empreitada, o historiador biógrafo pode tanto enveredar pela pesquisa social quanto evitá-la por completo.

Em resumo, os impasses experimentados pelas biografias eruditas e o descontentamento que por muito tempo perdurou com os resultados das “biografias convencionais” atestam o quanto escrever uma vida não é tarefa fácil. Da escolha do estilo à definição do método de análise, muitas são as dificuldades que se colocam para

um escritor aspirante a biógrafo. No caso de Joseph Frank, que se lança a esse desafio empenhado em escrever a biografia de um homem que com sua obra contribuiu determinantemente para a crise do gênero biográfico, essa tarefa se torna mais complexa ainda. Ao tentar “estender os limites” do gênero biográfico, Frank procura ao mesmo tempo diferenciar a sua obra das outras biografias literárias clássicas e se lançar ao enfrentamento do desafio que o gênero biográfico impõe ao autor que se torna biógrafo. E Joseph Frank se lança a esse desafio com o ardor de um escritor que redige a obra de uma vida – a da sua vida.

Diferentemente de muitas obras do seu gênero, a biografia de Frank busca compreender a obra e a vida à qual esta se encontra irremediavelmente ligada a partir do método histórico fundamental de comparação e confirmação de fontes variadas, e não do caminho recorrentemente trilhado pelos biógrafos literários que, se por um lado consideram que a vida de um autor está em seus livros, por outro insistem em explicar estes mesmos livros a partir do relato da vida.

Dessa forma, concordamos com a tese segundo a qual a obra de Joseph Frank “constitui companheira valiosa para a leitura de Dostoiévski”(SCHINAIDERMAN, 2008: D9), ou seja, contribui para o avanço da compreensão da obra do escritor russo. Mas, uma biografia desse porte apresenta problemas em algumas abordagens e análises da obra de Dostoiévski, assim como, deslizes e posições inconsistentes que se ramificam, se perdem e às vezes até se contradizem no desenrolar do texto.

Consideramos críticas como a de Boris Schnaiderman, por exemplo, que no mesmo artigo no qual reconhece os méritos da obra de Frank também não silencia diante de alguns dos seus deslizes. Dentre esses deslizes é possível destacar o que Schnaiderman entende como o “fascínio” de Frank por Dostoiévski, o que acabaria comprometendo a abordagem de temas espinhosos como a xenofobia, o anti-semitismo e as idéias políticas do autor de maneira geral.

Schnaiderman, em outro momento do artigo, chama a atenção do leitor para o que ele denomina como um “mosaico de impressões” do biógrafo sobre cada texto de Dostoiévski. O exemplo apresentado é a análise do conto *O Crocodilo*, que primeiro é abordado como uma obra original, depois, no terceiro volume, como artisticamente

insignificante e no quarto volume como um texto de qualidade. Entretanto, prossegue o crítico, “depois que um leitor se familiariza com essa vasta obra de Joseph Frank, as diferentes opiniões do autor passam a constituir diferentes abordagens, e a contradição se torna parte de um processo rico e absorvente” (SCHINAIDERMAN, 2008: D9).

Assim, o crítico abre os olhos do leitor para o que há de interessante por trás das reviravoltas e mudanças de opinião. Ele até sugere que dificilmente poderia ter sido diferente, já que “uma obra como esta, construída no decorrer de uma vida, não pode ter a inteireza e uniformidade de um livro de tamanho médio, realizado como desenvolvimento de uma concepção determinada. Ao contrário, ela se espalha em andanças e volteios, com algo de épico muito pessoal, isto é, o oposto da concisão e da direção única” (SCHINAIDERMAN, 2008: D9).

Em resumo, Schnaiderman nos lembra que, uma vez que a obra de Frank foi escrita ao longo de quase três décadas, certas visões naturalmente tendem a se alterar. E deve-se acrescentar que igualmente se transforma o “clima” intelectual e cultural ao redor do autor. Ao contrário de Schnaiderman, que não considera este um grande problema, outras críticas endereçadas à biografia de Frank apontam nessa direção e apóiam as suas argumentações desfavoráveis nesses “desvios” de rota.

Outros exemplos de críticas endereçadas à obra podem ser retirados do artigo de Robin F. Miller publicado em *The Slavic and East European Journal*. Miller sugere ao leitor que Frank encerra definitivamente Dostoiévski no seu próprio tempo. Para o crítico, Joseph Frank se atém em demasia à idéia de que até mesmo um grande clássico da literatura universal, lido e debatido por diferentes gerações só pode ser compreendido a partir das idéias hegemônicas da época em que viveu. Por conseguinte, para Miller “by the time Frank has reached volume 5, He has become less interested in understanding Dostoevsky’s significance to our contemporary culture and to the history of ideas generally and more single-mindedly intent upon fixing him within his own milieu, with discovering, as completely as it is possible to do so, the meaning of Dostoevsky thought and creative works in the context of his own times”(MILLER, 2003: 472).

Nessa mesma linha de argumentação, o crítico de Frank rememora as palavras empregadas pelo autor no prefácio do primeiro volume da sua biografia *The seeds of Revolt*, onde afirma que “My work is thus not a biography, or if so, only in a special sense – far I do not go from the life to the work, but rather the other way round. My purpose is to interpret Dostoevsky art, and this purpose commands my choice of detail and my perspective”. Apesar dessa intenção declarada, Miller considera que “(...) by volume 5 this trajectory has nearly reversed. Dostoevsky’s intellectual, political and religious life permeates the work, the work seems to be an expression of those aspects of life – they dominate the art”(MILLER, 2003: 476).

Edward Wasiolek igualmente encontra problemas no tratamento que Frank despente às obras de Dostoiévski. Em crítica publicada na revista *Comparative Literature* sobre o primeiro volume *The Seeds of Revolt*, ele aponta que a limitação da obra de Frank reside exatamente nesse tratamento. Para o crítico, o biógrafo reduz as obras literárias a documentos históricos e biográficos. Isso seria o resultado de uma errônea escolha de método de análise, pois, segundo Wasiolek “the detached and undramatic tone of objective description, the rejection of categories of interpretation derived from later historical periods, and the documentary historicism – all the qualities which give us the assurance of biographical date that has been responsible treated – work less well when they are turned on the works themselves. Poor Folk, The Double (...) and other works of 1840s are not only historical facts, they are also literary facts”, e, no mesmo tom da crítica de Miller ele conclui que “as literary facts they transcend those historical and biographical coordinates and constraints in which they came into being” (WASIOLEK, 1978: 92-94).

Cabe ressaltar que a maioria das críticas disponíveis sobre a biografia de Frank é elogiosa. Dentre essas críticas figuram passagens como “my complain is really that Frank has done his work so well that I wish He had written more (...)” (GORRA, 1985: 146), tendo em vista que a obra já conta com aproximadamente umas 2000 páginas. E, se consideramos pertinente a tese segundo a qual “qualquer que seja a sua originalidade aparente, uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica” (LEVI, 2000: 176), a biografia

de autoria de Joseph Frank, apesar de seguir a risca o modelo de *biografia e contexto* não rompe o equilíbrio esclarecedor entre uma trajetória humana e o contexto histórico e social no qual esta trajetória se desenrola.

BIBLIOGRAFIA:

- BARBOSA, João Alexandre. *Mistérios do Dicionário e outras crônicas literárias*, São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- BOURDIEU, Pierre “A ilusão biográfica” in. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (orgs) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, 3º Ed,
- DOSSE, François. *O Desafio Biográfico – Escrever uma Vida*. São Paulo: Edusp, 2009.
- FRANK, Joseph. *Dostoiévski As Sementes da Revolta 1821- 1849*. São Paulo: Edusp, 2008.
_____. *Dostoiévski Os Anos de Provação 1850-1859*. São Paulo: Edusp,2008.
- GORRA, Michel. “Review: Cliffhanger”. *The Hudson Review*, Vol 38, nº1 (Spring 1985), p146-148..
- LEVI, Giovanni “Usos da biografia” in. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (orgs) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, 3º Ed
- MAUROIS, André. *Aspects de la Biographie*. Paris: Au Sans Pareil, 1928
- MILLER, Robin Feuer. “Review: Frank’s Dostoevsky”. *The Slavic and East European Journal*. Vol 5, nº 3 (Autumn, 2003) p. 476-478.
- SCHMIDT, Benito Bisso. “Construindo Biografias- Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos” *Revista Estudos Históricos*, Vol. 10, Nº19, 1997, disponível em <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2040/1179>
- SCHNAIDERMAN, Boris. “O Manto e o Profeta”. *O Estado de S. Paulo*, Domingo, 23 de março de 2008 p. D9.
- WASIOLEK, Edward – “Review: (Untitled)”, *Comparative Literature*, Vol 30, Nº 1 (Winter, 1978) pp92-94.